

O GRANDE REI SAI À CAÇA: TEXTO E IMAGEM NA CINEGÉTICA DA PÉRSIA AQUÊMÊNIDA (C.550 – 330 A.C.).

Thiago do Amaral Biazotto¹

Este texto introdutório versa sobre as imagens de caça, particularmente do leão, na Pérsia aquemênida (c. 550 – 330 a.C.). Partindo de cinegéticas registradas em diversos suportes, cotejadas à tradição textual de matriz grega, Xenofonte em particular, o objetivo central será aventar os motivos pelos quais os reis persas, sobretudo Ciro (c. 600 – 530 a.C.) e Dario I (550 a.C. – 486 a.C.), se fizeram representar engajados nas caçadas ao leão.

Entre hipóteses que terão lugar nesta exposição, ganha destaque o papel de ‘mestre dos animais e da natureza’ atribuído ao Grande Rei, na esteira de P. Briant², a ideia do caráter apotropaico da iconografia venatória em Persépolis³, e a importância do registro iconográfico do abate dos leões como possível alegoria às conquistas militares empreendidas pelos soberanos persas.

Também serão feitos comentários a respeito da possível influência das imagens cinegéticas assírias na iconografia aquemênida, uma vez que monarcas como Assurnasirpal II (c. 883 – 859 a.C.) e Assurbanípal (c. 668-631 a.C.) foram alguns dos pioneiros em se fazer figurar no ato predatório dos felinos.

Duas serão as conclusões deste texto: o descompasso entre o que informam a tradição textual grega e a iconografia persa, e o papel relevante das imagens de caça no período aquemênida, apreendido a partir

¹ Doutorando em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Luiz Marques. Graduado em História e mestre em História Cultural também pela Unicamp.

² BRIANT, Pierre. “Chasses royales macedoniennes et chasses royales perses: le theme de la chasse au lion sur la Chasse de Vergina”. *Dialogues d’histoire ancienne*, nº 17, 1991, pp. 211-55.

³ LLEWELLYN-JONES, Lloyd. “‘That My Body is Strong’: The Physique and Appearance of Achaemenid Monarchy”. In: BOSCHUNG, Dietrich; SHAPIRO, Alan & WASCHECK, Frank (eds.). *Bodies in Transition*. Dissolving the Boundaries of Embodied Knowledge. Paderborn: Wilhelm Fink, 2015, pp. 211-248.

dos diversos suportes nos quais estas estão presentes e, ademais, pela disposição espacial das cenas cinegéticas em Persépolis.

CAÇADAS PERSAS VISTAS POR OLHOS GREGOS

O estudo da Pérsia antiga apresenta particularidades importantes, sendo o tratamento reservado às fontes o principal. Conforme já destacado por vasta historiografia, o fato de não haver, entre os aquemênidas, historiadores ao modelo de Heródoto fez com que as investigações sobre o império persa por muito tempo fossem dominadas por fontes de outras matrizes, em especial a tradição textual greco-latina e o material oriundo do Antigo Testamento⁴. Apenas a partir de meados do século XX é que a iconografia, bem como as inscrições reais, passou a ser levadas em conta para o estudo do império aquemênida. Para o tema deste texto, a caçada real ao leão entre os persas, a questão das diferentes procedências das fontes é de primeira importância, em face das distintas informações extraídas de material grego e aquemênida.

Entre os autores helênicos, Xenofonte, cuja obra é de versatilidade temática quase sem par, é aquele que mais se debruçou sobre o assunto. Muito por conta de sua liderança na expedição dos Dez Mil, parte substantiva da bibliografia do ateniense lida com os persas e sua história, ainda que o peso do material aquemênida em seus escritos seja matéria de controvérsia⁵.

Com efeito, na *Cirópedia*, biografia apologética do primeiro monarca persa, Xenofonte disserta sobre as caçadas com propósito de exaltar as virtudes morais de seu biografado. Para nomear apenas alguns exemplos, o autor ateniense afirma que entre os medos – legítimos antecessores dos persas, em seu entendimento – era comum a prática da caça no chamado *paradeisos*. Esse tipo de parque artificial, no qual eram reunidas fauna e flora dos mais diversos biomas, era, por vez, herança assíria legada pelos medos. Ciro, contudo, mesmo imberbe e ainda vivendo na corte de seu avô Astíages, se recusava a praticar o ato venatório em seu *paradeisos*, uma vez que, ao se expor aos perigos da caça ao ar livre, estaria fortalecendo e temperando o espírito (*Cyr.* I, 4, 5-6).

⁴ BRIANT, Pierre. *From Cyrus to Alexandre: a History of the Persian Empire*. Indiana: Enseinbrauns Press, 2002; MOMIGLIANO, Arnaldo. "A historiografia persa, a historiografia grega, a historiografia judaica". In: MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004, pp. 21-51.

⁵ Para dados aprofundados sobre a biografia de Xenofonte, bem como especulações a respeito das discordâncias entre ele e Heródoto no que respeita à história de Ciro, cf. DILLERY, John. *Xenophon and the History of his Times*. London: Routledge, 1995. Para o diferente tratamento dado pelo ateniense em relação às caçadas gregas e aquelas realizadas fora de solo helênico, cf. TRIPODI, Bruno. "Cacciatori e Prede Nell' "Anabasi" Di Senofonte (Cacce D'arabia)". *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, vol. 5, nº. 1, 2000, pp. 149-158.

Na mesma direção, Xenofonte (*Cyr.* I, 4, 14-5) informa que o direito de abater os animais durante as cinegéticas era uma precedência dos monarcas medos. Não obstante, Astíages, ao notar os dotes extraordinários do púbere Ciro, organizou uma enorme caçada (μεγάλην θήραν) no qual abdicou do privilégio em favor de seu neto.

Ainda que a partir de apenas dois exemplos, vemos que a *Ciropédia* faz clara associação entre o ato venatório e a bravura daqueles que a realizam e, neste caso, serve como palco para exaltar o caráter intrépido daquele que viria a se tornar o primeiro soberano aquemênida.

Na *Anábase*, Xenofonte emprega a pena de modo semelhante, desta feita para laurear os predicados de Ciro, o jovem, sob quem ele e seus mercenários lutaram na batalha de Cunaxa, em 401 a.C. Vencedor de Ciro, Artaxerxes II é aviltado pelo ateniense em função de sua suposta inépcia nas incursões venatórias. Sendo assim, enquanto Ciro recebe epítetos como amante das caçadas (φιλοθηρότατος; *Anab.* I, 9, 6), a Artaxerxes restou o relato de cinegéticas ignominiosas, nas quais o soberano se viu obrigado a ser salvo pelos membros de séquito, episódio também registrado por Ctésias (*frag.* 40) e Diodoro Sículo (XV, 10, 3).

Autores como Platão (*Alc.* 121f) e Estrabão (XV, 3, 17), por seu turno, ligaram a prática da caça à educação dos aquemênidas, de maneira que é possível depreender que, da parte das fontes gregas, a cinegética persa é apresentada ora como parâmetro moral para decantar algumas figuras em particular, ora como instrumento da instrução régia. Quando, todavia, a iconografia venatória persa é posta sob análise, não se encontra cenas compatíveis com o viés grego acima exposto.

A CAÇA AO LEÃO NA ICONOGRAFIA AQUEMÊNIDA

Ainda que alguns autores tenham relegado a cinegética leonina persa ao segundo escalão⁶, algumas fontes parecem matizar esse exame. Um deles é o conhecido selo cilíndrico de Dario I (fig. 1), ora sob a guarida do *British Museum*. Ladeado por uma inscrição trilingue (persa antigo, elamita e babilônio), o Grande Rei é figurado sobre a biga real, acompanhado por seu cocheiro, e dispara flechas contra um leão. O felino, que se ergue sobre as patas traseiras, já foi atingido na cabeça e na pata dianteira direita pelas setas de Dario, e é possível visualizar outro leão sob os cascos dos cavalos reais, igualmente ferido.

Além das semelhanças formais entre esse selo e um relevo assírio do período de Assurbanipal (fig. 2)⁷, outras conclusões importantes podem ser extraídas dessa fonte. A função precípua do selo cilíndrico,

⁶ ANDERSON, John Kinloch. *Hunting in the Ancient World*. Berkley: University of California Press, 1985, p. 67; BRIANT, Pierre. "Chasses royales macedoniennes et chasses royales perses: le theme de la chasse au lion sur la Chasse de Vergina". *Dialogues d'histoire ancienne*, nº 17, 1991, p. 220.

⁷ PORADA, Edith. "Why Cylinder Seals? Engraved Cylindrical Seal Stones of the Ancient Near East, Fourth to First Millennium B.C." *The Art Bulletin*, vol. 75, nº. 4, pp. 563-582, 1993.

como artefato de circulação da mensagem régia, permite ponderar que Dario I, ao se figurar como matador de leões, tinha por objetivo exaltar a própria coragem e capacidade de dominação sobre os territórios do império aquemênida. É sintomático, neste caso, que a imagem do monarca seja acompanhada de uma inscrição trilingue que ufana o título real para os receptores da imagem.

Em segundo lugar, o próprio local em que o selo cilíndrico foi encontrado merece destaque: Tebas, no Egito, província que se rebelou contra o jugo persa durante o período de Dario. Vale lembrar que o Grande Rei também sofreu com diversas sublevações quando de sua problemática ascensão ao trono, e, ao debelá-las, deu origem ao relevo de Behistun (fig. 3)⁸. Nele, Dario é figurado subjugando os rebeldes enquanto empunha o arco e flecha, o que, na interpretação de Cool Root, poderia fazer alusão a seus dotes como caçador⁹. Desta forma, é possível – caso o selo tenha sido emitido após a sublevação egípcia – que a iconografia da caça foi empregada com o propósito de testemunhar e consolidar a imagem de Dario como expurgador de insurreições provinciais.

Ainda sobre Dario, uma de suas mais conhecidas realizações foi a construção de Persépolis, iniciada por volta de 500 a.C., e continuada por seus sucessores, nomeadamente Xerxes e Artaxerxes I. Ao se investigar a planta de cidade (fig. 4), constata-se que a iconografia da caça leonina concentra-se, sobretudo, no Palácio de Dario, no assim chamado Harém, construído sob Xerxes, e na Sala do Trono, construída sob Artaxerxes I. Neste ponto já é possível matizar a hipótese de que as cenas cinegéticas eram de pouco importância para os soberanos aquemênidas, uma vez que ao menos três deles levaram a termo programa iconográfico que consagrava imagens desse jaez.

O argumento é reforçado quando se analisa em pormenor, por exemplo, a disposição espacial das imagens de caça no Palácio de Dario (fig. 5). Vemos que a imagem do rei persa agarrado e perfurando o corpo de leão jovem (fig. 6) encontra-se nos corredores de duas pequenas salas que levam à câmara responsável por conduzir ao aposento central do recinto, onde Dario, possivelmente, recebia as inúmeras comitivas reais que visitavam Perseópolis – e que foram figuradas em diversas imagens na cidade, na maioria das vezes carregando os tributos ao Grande Rei¹⁰.

Outra cena de abate ao leão presente no Palácio de Dario combina os atributos do felino a assas e chifres, criando um mostro leonino que se assemelha a um grifo (fig. 7). O assim chamado herói real, figurado à maneira do Grande Rei, extermina a fera, desferindo-lhe facadas na cabeça e na região abdominal, mesmo

⁸ Cf. ROOT, Margaret Cool. “Defining the Divine in Achaemenid Persian Kingship: The View from Bisitun”. In: MITCHELL, Lynette (Ed.) *Every Inch a King: Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval World*. Leiden: Brill, 2013, pp. 23-65.

⁹ ROOT, Margaret. *The King and Kingship in Achaemenid Art*. Leiden: Brill, 1979, p. 164.

¹⁰ ROAF, Michael. “Sculptures and Sculptors at Persepolis”. *Iran*, vol. 21, 1983; AMIET, Pierre. “L’Empire Perse”. In: FORGEAU, Annie et alli (orgs.). *L’art de l’Antiquité. L’Egypte et le Proche-Orient*. Paris: Gallimard, 1997, pp. 412-439; GARCÍA SÁNCHEZ, Manel. “Persépolis: arquitectura celestial o terrenal”. *Historiae*, vol. 5, pp. 11-25, 2008.

sob as intensas patadas disparadas pela besta. Essa imagem também desfruta de disposição espacial privilegiada no Palácio de Dario, sendo mostrada em um corredor que leva diretamente ao aponto central do palácio, o que pode apontar certo privilégio dado a essa iconografia no interior do programa de Persépolis.

O fato de este último leão mais se assemelhar a um monstro mitológico fez com que surgissem teorias diversas para explicar sua presença na iconografia de Persépolis. A maior parte delas ressalta que a besta possui atributos iconográficos semelhantes aos de entidades malignas assírias, de maneira que, ao ser representado abatendo a fera, o Grande Rei se afigurava como símbolo da ordem frente ao caos representado por seu oponente bestial¹¹. Ademais, a própria presença iconográfica de leões em Persépolis foi igualmente interpretada como símbolo da desordem, que deveria ser expurgada pelas propriedades supraterras do soberano aquemênida¹².

Além dessas interpretações, há ainda alguns outros pontos a se considerar. O fato de Persépolis se a urbe para qual afluíam os sátrapas das inúmeras províncias do império parece se constituir em chave interpretativa válida para compreender o papel da iconografia venatória entre os aquemênidas. Assim, ao contemplarem as imagens nas quais o Grande Rei é figurado abatendo o leão e outras presas, os peregrinos poderiam ver reforçado seu *status* de submissão frente ao poder axiomático do soberano persa. Nessa direção, as imagens de caça não seriam somente vetores unilaterais de símbolos a ela atribuídos, mas agentes ativos em redes de relação social complexa¹³.

Ademais, aspecto digno de nota é o peso da influência assíria nas imagens persas de caça ao leão. Para além das semelhanças no âmbito formal, as funções desempenhadas por essa iconografia em ambas sociedades merecem destaque. As interpretações sobre o ato cinegético ora como alusão ao expurgo do caos¹⁴, ora como referência à vitória entre os inimigos terrestres¹⁵, também grassam entre os assírios.

Todavia, ainda que em inúmeras imagens os leões sejam alvo dos impulsos caçadores dos reis assírios, estes mesmos reis buscavam associar-se aos felinos, fato verificável a partir, por exemplo, de documentos oficiais nos quais os soberanos lançavam mão de expressões como enfurecer-se/erigar-se como um leão (*labbiš nadârum*)¹⁶. Uma vez que os assírios tanto foram pioneiros no emprego da iconografia cinegética leonina como também exerceram força dominante na Mesopotâmia e em partes do Oriente

¹¹ CALMEYER, Peter. "The Persian King in the Lion's Den". *Iraq*, vol. 45, nº. 1, 1983, pp. 138-139; GREEN, Anthony. "A Note on the 'Lion-Demon'". *Iraq*, vol. 50, 1988, pp. 167-168.

¹² ROOT, Margaret. *The King and Kingship in Achaemenid Art*. Leiden: Brill, 1979; LLEWELLYN-JONES, Lloyd. *King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BC*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

¹³ A bibliografia teórica é vasta, mas o ponto de partida é GELL, Alfred. *Art and Agency: an Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

¹⁴ CASSIN, Elena. "Le roi et le lion". *Revue de l'histoire des religions*. vol. 198, nº. 4, 1981, pp. 355-401.

¹⁵ ALBENDA, Pauline. "Lions on Assyrian Wall Reliefs". *Journal of the Ancient Near Eastern Society*, vol. 6, p.1-27, 1974.

¹⁶ REDE, Marcelo. "Imagem da violência e violência da imagem: Guerra e ritual na Assíria (séculos IX-VII a.C.)". *Varia Historia*, vol. 34, nº. 64, 2018, p. 84, nota 3.

próximo antes do advento persa, é possível especular em que medida os aquemênidas, ao se apropriarem dessa iconografia, buscavam se apresentar como, a um só tempo, vencedores e sucessores dos assírios como potência hegemônica¹⁷.

Para respaldar esta hipótese, cumpre ressaltar que, embora Ciro seja o monarca responsável pela criação e principal expansão dos domínios aquemênidas, foi sob Dario I que o império experimentou sua máxima extensão. Se, portanto, a produção e consumo das imagens cinegéticas persas se deu nesse cenário, seu possível papel como propagadoras de uma mensagem hegemônica com vistas a reforçar a submissão provincial ganha força.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do cotejo entre a tradição textual grega e a iconografia real persa, foi possível aferir um descompasso no que se refere às funções da caça durante a dinastia aquemênida. Se por um lado os gregos enfatizaram o dado pedagógico envolvido nas incursões cinegéticas e as utilizaram para exaltar o moral de algumas figuras em particular - Ciro e Ciro, o jovem -, por outro a iconografia persa parece imbuída de significados mais complexos. Seja como alusão ao embate cosmológico, à conquista e manutenção imperial aquemênida ou como símbolo da hegemonia persa sobre o Oriente próximo, as imagens da caça régia ao leão parecem ter exercido papel primacial nos domínios do Grande Rei.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIET, Pierre. "L'Empire Perse". In: FORGEAU, Annie *et alli* (orgs.). *L'art de l'Antiquité*. L'Egypte et le Proche-Orient. Paris: Gallimard, 1997, pp. 412-439.
- ANDERSON, John Kinloch. *Hunting in the Ancient World*. Berkley: University of California Press, 1985.
- ALBENDA, Pauline. "Lions on Assyrian Wall Reliefs". *Journal of the Ancient Near Eastern Society*, vol. 6, p.1-27, 1974.
- BRIANT, Pierre. *From Cyrus to Alexandre: a History of the Persian Empire*. Indiana: Enseibrauns Press, 2002.
- BRIANT, Pierre. "Chasses royales macedoniennes et chasses royales perses: le theme de la chasse au lion sur la Chasse de Vergina". *Dialogues d'histoire ancienne*, nº 17, 1991, pp. 211-55.

¹⁷ O fato de os persas não terem vencido militarmente os assírios não diminui o dado simbólico da apropriação destes por aqueles, como demonstra, por exemplo, ROOT, Margaret. *The King and Kingship in Achaemenid Art*. Leiden: Brill, 1979.

- CALMEYER, Peter. "The Persian King in the Lion's Den". *Iraq*, vol. 45, nº. 1, 1983, pp. 138-139.
- CASSIN, Elena. "Le roi et le lion". *Revue de l'histoire des religions*. vol. 198, nº. 4, 1981, pp. 355-401.
- DILLERY, John. *Xenophon and the History of his Times*. London: Routledge, 1995.
- GARCÍA SÁNCHEZ, Manel. "Persépolis: arquitectura celestial o terrenal". *Historiae*, vol. 5, pp. 11-25, 2008.
- GREEN, Anthony. 'A Note on the "Lion-Demon"'. *Iraq*, vol. 50, 1988, pp. 167-168.
- GELL, Alfred. *Art and Agency: an Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- LLEWELLYN-JONES, Lloyd. *King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BC*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.
- LLEWELLYN-JONES, Lloyd. "'That My Body is Strong': The Physique and Appearance of Achaemenid Monarchy". In: BOSCHUNG, Dietrich; SHAPIRO, Alan & WASCHECK, Frank (eds.). *Bodies in Transition*. Dissolving the Boundaries of Embodied Knowledge. Paderborn: Wilhelm Fink, 2015, pp. 211-248.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. "A historiografia persa, a historiografia grega, a historiografia judaica". In: MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004, pp. 21-51.
- PORADA, Edith. "Why Cylinder Seals? Engraved Cylindrical Seal Stones of the Ancient Near East, Fourth to First Millennium B.C." *The Art Bulletin*, vol. 75, nº. 4, pp. 563-582, 1993.
- REDE, Marcelo. "Imagem da violência e violência da imagem: Guerra e ritual na Assíria (séculos IX-VII a.C.)". *Varia Historia*, vol. 34, nº. 64, 2018, p. 81-121.
- ROAF, Michael. "Sculptures and Sculptors at Persepolis". *Iran*, vol. 21, 1983.
- ROOT, Margaret Cool. "Defining the Divine in Achaemenid Persian Kingship: The View from Bisitun". In: MITCHELL, Lynette (Ed.) *Every Inch a King: Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval World*. Leiden: Brill, 2013, pp. 23-65.
- ROOT, Margaret. *The King and Kingship in Achaemenid Art*. Leiden: Brill, 1979.
- TRIPODI, Bruno. "Cacciatori e Prede Nell' "Anabasi" Di Senofonte (Cacce D'arabia)". *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, vol. 5, nº. 1, 2000, pp. 149-158.

FIGURAS



Figura 1 - Selo cilíndrico de Dario I. (c. 522 – 486 a.C.). Mu-seu Britânico (89132).



Figura 2 - Relevô de Assurbanípal. Palácio C de Nínive (c. 645 a.C.). Museu Britânico (124852).



Figura 3 - Relevô de Behistun. Kermanshah, Irã, *in situ*.

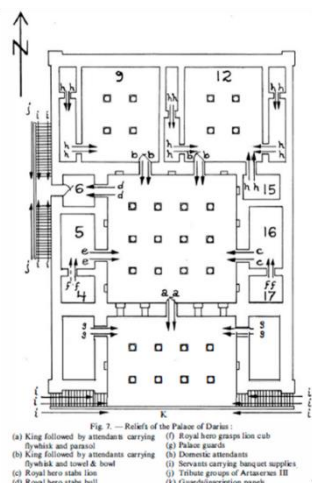


Figura 5 - Plano do Palácio da Dario, em Persépolis, com disposição espacial dos relevos e de seus respectivos temas. Destaque-se a presença das cenas de abate ao leão na sala central.

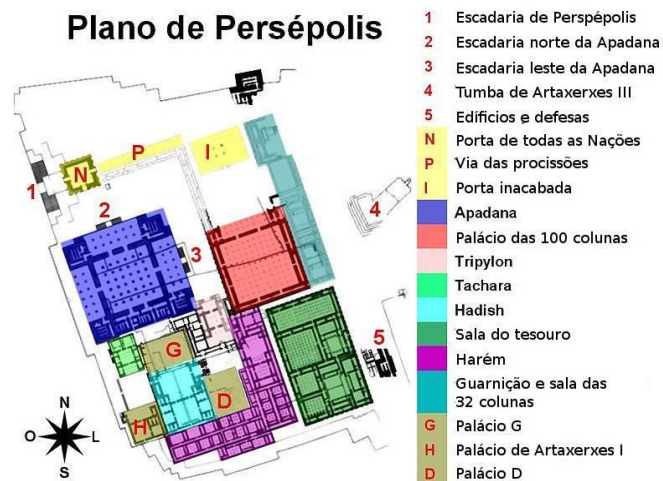


Figura 4 - Plano de Persépolis. As cenas de caça ao leão concentram-se, sobretudo, no Palácio de Dario, no assim chamado Harém (construído sob Xerxes), e na Sala do Trono (construída sob Artaxerxes).



Figura 6 - Rei persa mata um filhote de leão asfixiado. Palácio de Dario, Persépolis.



Figura 7 - O herói real persa abate um monstro leonino. Palácio de Dario, Persépolis.